

Desafiando a Universalidade: A Experiência Feminina nas Tradições Afro-Brasileiras

Orientador: Dr. Pr. Marcelo Derzi Moraes

Autora: Layla Ferreira Da Silva -silvalayla133@gmail.com-(Graduada em Pedagogia- Uerj-FFP)

Co-autor: Claudemiro izidorio Junior -izidoriojuniore@gmail.com- Graduado em Geografia- Uerj- FFP)

Co-autor: AnaClaraBarreto Dos Santos (anaclarabarretodsantos@gmail.com)

Introdução A pesquisa na graduação sobre Educação, História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas nos leva a aprofundar a análise das construções sociais de gênero e corpo, permitindo uma reflexão crítica sobre as experiências de mulheres dentro de contextos específicos. Em um cenário em que as vozes e vivências frequentemente são silenciadas ou sub-representadas, a obra de Oyeronke Oyewumi, "A invenção das mulheres" (2021), se destaca como uma contribuição significativa para o debate contemporâneo sobre gênero.

Oyewumi (2021) contextualiza as discussões a partir das especificidades culturais africanas, especialmente as tradições *Yorubá*, desafiando conceitos ocidentais que tendem a universalizar a experiência feminina. Complementarmente, ao dialogar com pensadores como Judith Butler (2019), Byung Chul Han (2022) e bell hooks (2013) podemos expandir esse debate, explorando como suas diferentes perspectivas enriquecem a compreensão das identidades femininas. Essa interação entre as ideias apresenta um panorama mais amplo, que ultrapassa padrões unificados e celebra a diversidade de experiências, vozes e trajetórias que moldam o ser mulher na sociedade atual, sublinhando a importância de considerar múltiplas narrativas em nossa análise crítica.

Cultura e Gênero: A Protagonização da Mulher Negra na Sociedade Contemporânea

A trajetória desta pesquisa se inicia nas aulas de filosofia da educação com o Professor e Orientador Marcelo Moraes, que nos instigou a leitura do livro de bell hooks, "Ensinando a Transgredir" (2017). Nesta obra, hooks defende uma pedagogia engajada, que rompe com os métodos tradicionais de ensino, muitas vezes excludentes. Ela propõe uma valorização das vivências tanto de alunos quanto de professores, incentivando a reflexão sobre como somos percebidos pelos outros e como nos vemos internamente.

Com essa perspectiva, o debate se expande para questões fundamentais relacionadas à identidade e ao reconhecimento, criando um espaço propício para um aprendizado crítico e reflexivo. Essa abertura permite aos alunos e educadores reexaminar como as identidades são construídas e percebidas dentro de diferentes contextos sociais, culturais e históricos.



Ao avançar nesse tema, fomos apresentados à obra de Oyeronke Oyewumi, "A invenção das mulheres", que se destaca por oferecer uma análise aprofundada do papel da mulher na sociedade. A autora investiga como as mulheres são representadas e vistas, utilizando lentes culturais e sociais que desafiam noções ocidentais predominantes sobre gênero.

Oyewumi (2021) argumenta que a categorização de gênero, tal como é entendida na sociedade ocidental, não é uma verdade absoluta, mas uma construção cultural que ignora outras formas de organização social. Sua análise destaca que, nas tradições africanas, as questões de gênero são tratadas de maneira distinta e que as identidades femininas não podem ser compreendidas através das lentes ocidentais que enfatizam a dualidade de gênero, como homem e mulher. Em muitas sociedades africanas, o gênero é frequentemente mais fluido, e as relações sociais são mais complexas, desafiando a noção de que o gênero é estritamente binário. Essa perspectiva é crucial para uma compreensão mais ampla e inclusiva das experiências femininas globalmente, especialmente ao considerar a educação como um campo onde essas narrativas podem ser integradas e discutidas.

Em "Corpos que importam" (Judith Butler, 2019), apresenta a ideia que conversa e complementa a obra de Oyewumi (2021) e outros autores aqui citados. Butler (2019) argumenta que o gênero é uma construção social performativa, isto é, o que entendemos por masculino e feminino é resultado de ações repetidas e socialmente normatizadas. Butler (2019) critica a noção de que o gênero é uma característica intrínseca ao indivíduo, argumentando que ele é formado por processos sociais que definem comportamentos e expectativas. Oyewumi (2021) oferece um contexto alternativo que desafia a universalidade dessa desconstrução. O que Butler (2019) vê como uma performance em um espaço cultural e histórico específico pode ser ampliado para incluir tradições culturais que não se encaixam nos padrões ocidentais, como nas sociedades Yorubá, onde as categorias de gênero podem ser mais fluidas.

Em "A expulsão do outro" (Byung Chul Han 2022), critica a sociedade contemporânea por privilegiar a individualidade em detrimento da coletividade, marginalizando aqueles que não se encaixam nos ideais hegemônicos. Sua é pertinente ao discutir a experiência feminina, pois o corpo feminino é frequentemente o primeiro a ser apagado em uma sociedade que valoriza a eficácia individual a qualquer custo. Enquanto Oyewumi sugere uma reavaliação das normas de gênero que considera a riqueza das identidades culturais, Han (2022) aponta como as normas sociais contemporâneas podem funcionar para excluir e silenciar vozes que divergem do normativo, incluindo as de mulheres africanas e afro-brasileiras. Ambos os autores, de maneiras distintas, criticam estruturas sociais que desumanizam o "outro", mas Oyewumi (2021) traz uma perspectiva que celebra a diversidade cultural ao invés de apenas lamentá-la.



O livro "Mulheres, Gêneros e Raça" (Angela Davis, 2016), organizado por diversos autores, agrega uma coletânea de ensaios que investigam as intersecções entre gênero, raça e classe, evidenciando como essas categorias sociais se entrelaçam, impactando as experiências das mulheres. Lançada em um contexto de crescente debate sobre desigualdade social, a obra se destaca pela relevância e profundidade das análises.

Dividido em capítulos que exploram diferentes aspectos da vida feminina, o texto enfatiza várias perspectivas de raça e gênero, comprometendo-se a ressaltar a complexidade das questões socioeconômicas que atravessam a vivência feminina, especialmente nas sociedades contemporâneas.

Um dos aspectos centrais da obra é a crítica ao conceito de interseccionalidade, que aborda como as experiências das mulheres são moldadas não apenas pelo gênero, mas também pela cor da pele, etnia e classe social. Essa abordagem desafia o feminismo tradicional, muitas vezes centrado em experiências de mulheres brancas e de classes médias, propondo uma revisão das narrativas que tendem a invisibilizar vozes de mulheres negras, indígenas e de outras minorias.

A intersecção das ideias de Oyewumi (2021), Butler (2019), Han (2022) e hooks (2013) leva a uma reavaliação significativa do significado de gênero e corpo no contexto da Educação, História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas. As obras desses autores oferecem um diálogo enriquecedor sobre como as identidades femininas são moldadas por uma série de fatores culturais, sociais e históricos. A noção de que gênero e corpo são construções sociais nos permite repensar práticas educacionais que frequentemente permanecem atreladas a narrativas ocidentais, propondo que as experiências africanas e afro-brasileiras tenham um espaço legítimo e valorizado.

Portanto, ao contextualizar a discussão sobre gênero e corpo, a pesquisa sobre as culturas afro-brasileiras e africanas pode ser profundamente enriquecida. A obra de Oyewumi (2021), juntamente com as contribuições de Butler (2019), Han (2022) e hooks (2013), não só amplia a visão que temos sobre as identidades femininas, mas também ressalta a necessidade de um entendimento inclusivo e crítico. Esse diálogo não apenas enriquece a academia, mas também proporciona ferramentas essenciais para a formação de um espaço educativo que valorize a diversidade cultural e promova uma compreensão mais profunda das experiências de mulheres em contextos variados.



Além disso, a participação nas aulas da Pr^a e Dr^a Helena Teodoro foi fundamental para compreender a mulher negra como protagonista de sua própria história, ocupando um espaço de resistência, sabedoria e reconstrução, mesmo diante das inúmeras discriminações e exclusões que enfrenta. Para Helena, a mulher negra carrega consigo duas lutas constantes: contra o machismo e o racismo. Essas interseccionalidades revelam a complexidade das experiências vividas, onde, apesar de frequentemente ser censurada e silenciada, a mulher negra se torna a sustentação da vida e da coletividade, servindo como pilar fundamental em suas famílias.

Helena enfatiza que a mulher negra não deve ser vista apenas pelo prisma de seu sofrimento, mas, sim, por sua capacidade de criar, cuidar e transformar realidades em meio a adversidades. Esse olhar ressignificado é crucial, pois permite perceber a mulher negra como uma agente ativa, capaz de moldar sua trajetória e a de sua comunidade. Ao destacar a importância da criação, do zelo e da transformação, a professora reforça que a mulher negra é um sujeito social e político que se nega a ser vítima passiva.

Essa perspectiva não apenas valoriza a força e a resiliência das mulheres negras, mas também desafia estereótipos reduzidos que enfatizam apenas a dor. Em vez disso, promove um reconhecimento profundo de suas contribuições e da riqueza de suas experiências, revelando seu papel vital na construção de um futuro mais justo e igualitário. Esse enfoque, portanto, é essencial para uma análise mais abrangente e inclusiva das dinâmicas sociais e políticas que cercam a mulher negra, celebrando sua vitalidade e capacidade de transformação no cenário contemporâneo.

Considerações Finais

Concluimos que o texto ressalta a importância das obras de pensadores como Oyeronke Oyewumi, Judith Butler, Byung Chul Han e bell hooks no entendimento das experiências femininas, especialmente no contexto das culturas afro-brasileiras e africanas. Esses autores oferecem uma análise crítica das construções sociais de gênero, revelando como a experiência feminina varia conforme o contexto cultural e histórico. A integração dessas perspectivas destaca a complexidade das identidades de gênero, desafiando as noções ocidentais que muitas vezes tentam universalizar a vivência feminina.

Além disso, a participação da professora Helena Teodoro enriquece ainda mais essa discussão ao enfatizar o papel proativo da mulher negra, que é frequentemente vista apenas através da lente do sofrimento. Essa reavaliação das narrativas permite um reconhecimento mais amplo das contribuições das mulheres afro-brasileiras e africanas. A pesquisa proposta não só busca promover um entendimento crítico e inclusivo, mas também aspira criar um espaço educacional que valorize a diversidade cultural e reconheça a riqueza das experiências femininas. Assim, a exploração dessas intersecções de gênero e raça se torna essencial para a formação de um futuro mais justo e igualitário, onde as vozes de todas as mulheres, em suas múltiplas singularidades, possam ser ouvidas e celebradas.

Palavra Chave: Corpo; Mulher; Gênero

Referencia bibliografica:

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Sérgio Lamarão e Irene Pequeno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (ou N-1 Edições, 2019)

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p

HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Tradução de A. M. Schacht. Petrópolis: Vozes, 2022

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de História da Pedagogia